

ENTREVISTA/Antônio Carlos Magalhães

'FH sabe o que vai fazer. Lula, não'

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Recebido na convenção do PFL que aprovou a aliança com o PSDB, na última quarta-feira, como se fosse o próprio candidato à Presidência, o ex-governador Antônio Carlos Magalhães admitiu que gostaria de ter sido candidato à sucessão de Itamar Franco. Mas garante que, se um dia teve esse sonho, hoje só sonha com a vitória de Fernando Henrique Cardoso.



Ele desembarcou em Brasília criticando a desorganização da campanha e cutucando o tucano. Quer um Fernando Henrique mais aguerrido, combativo, que mostre toda a sua competência para reverter o favoritismo do candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, nas pesquisas.

— Vamos fazer com que a competência saia do gabinete, porque a competência de gabinete é inútil.

Durante as 48 horas que passou em Brasília, Antônio Carlos conseguiu sacudir a

campanha de Fernando Henrique. Repetia no ouvido do candidato:

— Povo. Seu negócio é o povo. E povo se encontra é nas ruas.

Vivendo uma de suas melhores fases, depois de ter deixado o Governo da Bahia às 23h59m do último dia do prazo de desincompatibilização, Antônio Carlos não cansa de contar que seu prazer é testar a popularidade nas caminhadas matinais pela orla de Salvador:

— Todos param: motoristas de táxi, de

ônibus, pedestres, ciclistas, motoqueiros.

Suas baterias agora estão dirigidas contra Lula. E quer que Fernando Henrique faça o mesmo, insistindo nas críticas à ação dos grevistas ligados ao PT.

— Essas greves são apenas um trailer do que seria o governo Lula. O importante é entender que com Fernando Henrique nós vamos ter um presidente que sabe o que vai fazer. O Lula não sabe o que vai fazer. Vai perguntar a seus radicais o que deve fazer.

OGLOBO — Por que demorou tanto a costura da aliança PSDB-PFL, já que todos sabiam que, não lançando candidato, o PFL iria apoiar a candidatura Fernando Henrique?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — A culpa, no caso, não coube ao PFL. Coube ao PSDB. Eu não diria que coube ao próprio candidato. Nesse ponto, a própria direção do PSDB, dentro da minha ótica, poderia ter resolvido com mais rapidez o assunto. Isso deu um atraso à campanha, com algumas consequências negativas. Não é, entretanto, nada que não se possa recuperar o tempo perdido e se fazer com que a campanha volte a encontrar o rumo certo. E é isso que vamos fazer. Na realidade, em política não se pode hesitar. É óbvio que não se pode precipitar. Mas a hesitação, às vezes, é pior do que a precipitação. As decisões têm que ser rápidas. E o povo não gosta das hesitações. O PSDB pecou por isso, até porque deu uma certa importância a pessoas que pouca importância tinham. Daí arrepender-se depois, porque essas figuras não estavam dispostas a ajudar o PSDB nem compor com o PSDB. O que desejavam era criar obstáculo ao PSDB. Essas pessoas tiveram êxito com a demora, mas um êxito momentâneo.

O GLOBO — O senhor, até agora, estava afastado dessas articulações. Só está participando agora. O fato de o nome de seu filho, o deputado Luiz Eduardo Magalhães, ter estado no meio dessas discussões o inibiu de participar?

ANTÔNIO CARLOS — Eu não podia, evidentemente, tratar desse assunto, na medida em que surgiu o nome do deputado Luiz Eduardo, a mim ligado, e que tinha um consenso no partido, embora ele não desejasse, em nenhum momento, ser candidato a vice. Ele realmente não tinha essa aspiração.

O GLOBO — Mas o senhor o queria de vice. Não queria?

ANTÔNIO CARLOS — Não. Eu nunca desejei que ele fosse vice. Entretanto, acho que um nome que está surgindo com tanto êxito na política nacional não pode ser exposto a debates. Pode ser escolhido ou afastado. Não pode ser injustamente contestado por quem quer que seja, sobretudo por quem não tem autoridade para fazê-lo.

O GLOBO — O senhor, particularmente, ficou satisfeito com a escolha do senador Guilherme Palmeira para ser vice da chapa de Fernando Henrique, ou o PFL tinha outros quadros melhores para essa função?

ANTÔNIO CARLOS — O PFL é rico de quadros. E o Guilherme Palmeira é um deles. Mas qualquer um que fosse escolhido ia ser também criticado. As críticas dirigidas a Guilherme Palmeira seriam dirigidas também a qualquer outro que fosse escolhido.

O GLOBO — Agora pode-se dizer, finalmente, que o senhor vai engajar-se na campanha?

ANTÔNIO CARLOS — Eu pretendo me engajar, o que não significa que eu vou comandar a campanha. A campanha tem comandante, que é o próprio senador Fernando Henrique, e ele tem um staff de pessoas com maior intimidade com ele do que eu. São elas que devem dirigir a campanha. Eu me julgo no dever de sugerir. E por minhas sugestões, examinadas e aprovadas, eu trabalharei para implementá-las.

O GLOBO — Mas o senhor vai limitar a sua ação à Bahia?

ANTÔNIO CARLOS — Basicamente. Eu tenho campanha lá

“Lula é a favor da greve, quer a greve. Acha que o Brasil tem que parar. Julgo que ele será desastroso para nós,”

“Nada tenho de pessoal contra o senhor Quéricia, mas não acredito que sua candidatura vá crescer. Jamais chegará aos 10%,”

“O presidente Itamar é um homem sério. Mas não é um político por vocação. No entanto, gosta do poder, ao contrário do que parece,”

para governador, senador e, conseqüentemente, tenho o dever de garantir para Fernando Henrique uma posição boa na Bahia. E só posso garantir isso trabalhando.

O GLOBO — Durante a semana, o senhor teve a primeira reunião com o candidato. Quais os principais conselhos que o senhor deu a ele?

ANTÔNIO CARLOS — Eu não dei conselhos, nesse primeiro contato. Tivemos uma conversa aberta, mas não só comigo. Havia outras pessoas, inclusive o Tasso Jereissati, que tem uma longa experiência política. E nós mostramos o que poderíamos fazer em benefício da campanha. Basicamente, as sugestões são a de uma campanha mais agressiva, para que o candidato possa mostrar ao país as qualidades que possui. Ele tem grandes qualidades. E se tem qualidades excepcionais como senador, ministro e, brevemente, como presidente da República, evidentemente essas qualidades passarão facilmente para o candidato.

O GLOBO — Percebe-se o candidato um pouco acanhado com a aliança. Alguns acham até que ele se sente incomodado com essa aliança e, por medo do patrulhamento, teria até vergonha de assumir essa coligação. O senhor percebe isso também?

ANTÔNIO CARLOS — Não sei. Tenho a impressão de que se ele quiser ter êxito, tem que esquecer dogmas que sejam estabelecidos pelos seus companheiros. Os fiéis e, sobretudo, os infieis que traçam dogmas para atrair sua caminhada. E até mesmo de meus correligionários que

queiram imprimir ritmos que ele não deseja.

O GLOBO — Quem é o maior adversário de Fernando Henrique: Lula ou o eventual fracasso do plano econômico?

ANTÔNIO CARLOS — O plano não vai fracassar, vai ter êxito. E o plano é ainda, sem dúvida, um instrumento para novas medidas que o governo Fernando Henrique tomará. Isso é que é importante. E saber que nós vamos ter um presidente que sabe o que vai fazer. O Lula não sabe o que vai fazer. Vai perguntar a seus radicais o que deve fazer e o país aí não vai encontrar o destino certo para melhorar a vida dos brasileiros. Isso é uma coisa grave e quero que todos prestem a atenção a tempo. O erro de um dia pode prejudicar 150 milhões de brasileiros em quatro anos.

O GLOBO — O senhor acha que esses movimentos grevistas prejudicam mais o plano econômico ou a candidatura de Lula?

ANTÔNIO CARLOS — Prejudicam as duas coisas, ainda que o objetivo seja prejudicar apenas o plano. Mas também prejudica o candidato do PT porque isso é apenas um trailer, uma preliminar do que aconteceria se Lula fosse presidente. Seria esse o ambiente no qual o país iria viver durante todo o governo dele, sem que houvesse qualquer controle, sem que o país pudesse encontrar o caminho da ordem, a senda do progresso para resolver os seus problemas, que são graves. Mas essas greves revelam também uma face positiva do candidato do PT.

O GLOBO — Qual?

ANTÔNIO CARLOS — Eu tenho de fazer justiça a Lula nesse particular. Ele é franco, diz que é a favor da greve, quer a greve, quer que se paralise tudo. Ele acha que assim é que é o caminho. Acha que o país tem que parar mesmo. Que o país não deve ter ensino privado, só escola pública, para que os professores possam parar quando não tiverem altos salários. Ele acha que os transportes urbanos devem parar e que os condutores de veículos devem ganhar mais, do contrário, param. Ele acha que a Polícia Federal pode parar. Que as polícias militares também devem parar. E esse o quadro que ele quer instalar no país para ver se muda alguma coisa. Julgo que será desastroso para um país como o nosso. O nosso país não agüentará mais isso, sobretudo a população mais pobre. Nós teremos que evitar isso e o próprio Lula deve reconhecer, nas horas de meditação, que não devem ser muitas, com o seu travesseiro, que o país não pode suportar isso.

O GLOBO — Mas, então, por que o Lula está em primeiro lugar nas pesquisas?

ANTÔNIO CARLOS — Porque ele ainda não teve a coragem de dizer explicitamente que quer isso. Ele está em primeiro lugar porque ainda não debateu com ninguém os problemas do país. Está em primeiro lugar porque o povo brasileiro está frustrado pela falta de homens públicos que resolvam seus problemas. Está em primeiro lugar porque ainda não teve um candidato que se opusesse como deve a ele. Esperamos que o nosso candi-

do faça isso e aí as coisas vão mudar até outubro.

O GLOBO — O senhor vê, nestas eleições, alguma semelhança entre a campanha de Lula e a do ex-presidente Collor?

ANTÔNIO CARLOS — Os estilos são diferentes, não há que negar. Eu não quero fazer comparações. Não quero falar de problemas de honestidade do Lula. Prefiro falar da incapacidade que ele tem por sua inexperiência, incompetência, falta de coragem de deter os radicais de seu partido e até de sua admiração pelo Hitler, que eu, no caso, não respeito. As alianças do Lula são as mais espúrias que já se viu. Alianças que o próprio Leste europeu não faz mais, que o mundo repudiou, que não deram certo em lugar nenhum.

O GLOBO — E a candidatura Quéricia? O senhor tem receio de seu crescimento?

ANTÔNIO CARLOS — Não tenho nada de pessoal contra o senhor Quéricia, mas não acredito que a sua candidatura vá crescer. Ele está querendo fixar uma posição no seu partido, mas não será o nome forte do PMDB. Jamais chegará aos 10%. O PMDB vai ficar mais enfraquecido a cada dia.

O GLOBO — O senhor acha que os homens públicos que podem representar o povo brasileiro no comando da Nação estão todos aí nessa disputa sucessória ou os partidos, funcionando como camisas-de-força contra outras lideranças, impediram o surgi-

mento de outros nomes? O que o país tem de melhor é o que está disputando a sucessão do presidente Itamar Franco?

ANTÔNIO CARLOS — A política é feita muito pelas circunstâncias. Nem sempre os mais desejados pelo povo são aqueles que estão nas disputas. Mas são os possíveis do momento. Este não é um fenômeno apenas brasileiro. Nossa realidade é esta, não dá mais para mudar. Então, vamos trabalhar com o que se tem.

O GLOBO — Quem seria o candidato de seus sonhos?

ANTÔNIO CARLOS — Confesso o seguinte: aprendi que o sujeito deve conviver com a realidade. Se eu tinha sonhos outros, os meus sonhos, a partir do dia em que foi feita a aliança, passaram a ser todos em torno de Fernando Henrique.

O GLOBO — O senhor acha que o senador José Sarney está frustrado por não ter conseguido ser candidato?

ANTÔNIO CARLOS — Deve estar feliz, realizado. Saiu do Governo com baixa popularidade. Eu acompanhei isso bem de perto e posso até dizer que sofremos juntos. Mas ele hoje está com a sua dignidade restaurada pela opinião pública, quando apareceu tão bem nas pesquisas.

O GLOBO — Que caminho o senhor acha que ele vai seguir?

ANTÔNIO CARLOS — O da sua tradição democrática, o que facilita sua ida para Fernando Henrique.

O GLOBO — A principal crítica ao candidato é a de que a sua origem e formação intelectual o mantêm distanciado do povo.

ANTÔNIO CARLOS — Agora também não vamos estigmatizar o intelectual. Por que o sujeito é um homem de saber deve ser jogado fora? O homem de saber, como Fernando Henrique, pode ser condenado por estar preparado para resolver os problemas? Vamos é exaltar a competência. Agora, vamos fazer com que a competência saia do gabinete, porque a competência de gabinete é inútil. Temos casos de competências que vão realizar suas administrações nas ruas, com o povo, e que tiveram êxito. Para não pensarmos que estou me referindo apenas às administrações competentes do PFL, cito o caso desses dois tucanos do Ceará, Tasso Jereissati e Ciro Gomes. E só ter coragem.

O GLOBO — Qual a avaliação que o senhor faz do Governo Itamar Franco? Ele é bom candidato eleitoral para o Fernando Henrique?

ANTÔNIO CARLOS — O presidente Itamar é um homem sério, direito. Mas ele não é um político por vocação. Ele é um político por circunstância. Não tem assim a cara do político, a garra do político. No entanto, ele gosta do poder, ao contrário do que parece. A pior coisa do mundo é o humilde que não é humilde. O presidente Itamar não é nada humilde. Ele é um homem bom, mas que não é humilde. Eu conheço uma porção de homens bons, mas que não são humildes. E como conheço! Ele é de difícil temperamento. Mas o meu papel eu cumpro, o de fiscalizar o seu governo. Algumas coisas ele cumpro, outras não. Ele foi demorado. Sabia que tinha um ministro corrupto. Ele queria tirar, coitado. Mas ficava pensando que podia desagradar ao pai do corrupto, que era amigo dele. Preferiu dizer que ia extinguir o ministério, o que acabou não fazendo. Mas ele tem um papel a desempenhar que pode ajudar o Fernando Henrique.

Roberto Stuckert

